



Sem antecipar medidas na área econômica, caso eleito, petista aposta na interlocução de Alckmin e Meirelles para vencer resistências no setor

As pontes de Lula com o empresariado

» VINICIUS DORIA

A voz cada vez mais rouca acusa a maratona de compromissos do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva nesta campanha para voltar ao Palácio do Planalto. Ontem, em um encontro com empresários e representantes do setor de turismo, em São Paulo, o candidato do PT reconheceu: “Eu nem deveria falar, vocês percebem que estou rouco. Eu ainda tenho oito comícios pela frente, tenho várias entrevistas e dois debates. Preciso parar de falar por um mês para recuperar minha voz”. Mas o candidato falou, em mais um passo de sua estratégia para reconquistar apoios do empresariado brasileiro.

A política econômica em um hipotético terceiro governo de Lula segue como incógnita, mas o ex-presidente tenta acalmar o mercado assegurando que se guia por “previsibilidade, credibilidade e estabilidade, três palavras mágicas em tudo o que a gente vai fazer”. Também reforçou o papel de Geraldo Alckmin em sua chapa, por representar “um setor da sociedade muito importante”. Mas, um dos principais lances do xadrez sucessório foi jogado na terça-feira, ao receber o apoio explícito do ex-presidente do Banco Central e ex-ministro da Fazenda Henrique Meirelles (União Brasil). Um movimento que teve a participação do candidato a vice-presidente.

Meirelles foi o chefe da autoridade monetária nos oito anos em que Lula ocupou a Presidência da República. Depois, assumiu o Ministério da Fazenda a convite do então presidente Michel Temer (MDB), quando implementou a regra do teto de gastos (fórmula que limita o aumento das despesas públicas à variação da inflação), criada por meio de Proposta de Emenda à Constituição (PEC) aprovada pelo Congresso em 2016. Apesar de Lula já ter dito que vai acabar com o teto se eleito, a presença de Meirelles indica, aos agentes econômicos e analistas, que esse é um tema ainda a ser definido pelo ex-presidente. O ex-ministro também passa a ser cotado como candidato a voltar à Esplanada dos Ministérios caso o petista seja eleito.

O cientista político Leandro Gabiati analisa que Meirelles e Alckmin podem ser a “ponte ideal

Ricardo Stuckert



Presença do ex-presidente do BC na campanha de Lula indica que o tema teto de gastos não está definido



Simbolicamente, é muito importante para o ex-presidente, porque sinaliza que seu projeto político vai além do PT, vai além da esquerda”

Leandro Gabiati, cientista político, sobre o apoio de oito ex-presidenciais a Lula

entre os atores econômicos e o eventual governo Lula”. E, se for confirmado na equipe ministerial, o ex-presidente do BC “pode passar a ser âncora econômica e fiscal, referência de um governo ponderado e moderado quanto a medidas econômicas”.

Para Gabiati, o apoio que Lula recebeu de oito ex-presidenciais “muito provavelmente não lhe acrescentará uma quantidade considerável de votos”, mas “simbolicamente, é muito importante para o presidente, porque sinaliza que seu projeto político vai além do PT, vai além da esquerda”.

Doutor em ciência política e professor da Universidade Federal do Espírito Santo, Ueber

Oliveira lembra que Lula é “egresso do sindicalismo de resultado, da mediação entre capital e trabalho, nunca foi um sujeito de polarizar o processo político”, o que ajuda a explicar o reencontro com Meirelles. Dessa forma, vai derrubando barreiras em sua interlocução com os agentes do mercado. “Enquanto o bolsonarismo se isola, Lula amplia o leque de sua frente ampla”, avalia.

A reação do mercado financeiro após o encontro de terça-feira ajuda a corroborar as análises. A Bolsa de Valores subiu acima das expectativas e o dólar registrou queda. Até Michel Temer, patrocinador do teto de gastos, aprovou o apoio, em um evento promovido pelos jornais *O Globo* e *Valor Econômico*, em São Paulo. “Achei boa”, disse, em relação à presença de seu ex-ministro da Fazenda no encontro com Lula.

Para Temer, Meirelles poderá explicar “aos lulistas qual é a vantagem do teto de gastos” e que ele tem condições de “dar sequência à responsabilidade fiscal que nós inauguramos no meu governo”, em uma crítica velada à política expansionista de gastos públicos da antecessora, Dilma Rousseff (PT).

Persona non grata pelos petistas, que o acusam de articular o impeachment de Dilma, Temer torce para que a regra não sofra

alterações. “Eu espero, um pouco ingenuamente, talvez, que (o teto de gastos) seja mantido.”

Derrota precificada

No encontro com representantes do turismo, Lula afirmou que “o povo já precificou” a derrota do presidente Jair Bolsonaro, para reforçar o discurso de que uma eventual vitória do petista não provocaria abalos na economia.

Sobre a declaração do adversário de que ganhará a eleição no primeiro turno com larga margem, se não houver “problemas” com as urnas eletrônicas, o ex-presidente ironizou. “O homem (Bolsonaro) tá dizendo que, se não ganhar no primeiro turno com mais de 60% (dos votos), é porque houve problema nas urnas. Quando ele diz isso eu fico otimista, porque já está prevendo a derrota dele.”

Lula decidiu não participar do debate entre presidenciais promovido pelo pool SBT, CNN Brasil, Estadão, Terra e Veja, no próximo sábado. Mas confirmou presença no debate da TV Globo, dia 29. Segundo assessores da campanha petista, não havia como conciliar o debate com os comícios já marcados para o último fim de semana antes do primeiro turno das eleições.

NAS ENTRELINHAS

Por Luiz Carlos Azedo



Luizazedo.df@dabr.com.br



O “melhor país do mundo” não é o de Bolsonaro

O presidente Jair Bolsonaro discursou, ontem, na abertura da Assembleia-Geral da Organização das Nações Unidas (ONU), em Nova York, nos Estados Unidos, como é de praxe no cerimonial do órgão, desde a sua criação no imediato pós-II Guerra Mundial, embora não exista nada escrito que o Brasil deva ter essa honraria no seu regimento. Descreveu um país que não é exatamente aquele no qual estamos vivendo, com o claro propósito de aproveitar a oportunidade para se apresentar aos eleitores como um estadista reconhecido internacionalmente e, ao mundo, como um governante generoso e bem-sucedido. A abertura, porém, foi esvaziada pela ausência do presidente dos EUA, Joe Biden, que mudou a agenda e só falará hoje.

O discurso de Bolsonaro foi mais um gesto para se apropriar do nosso sentimento de brasilidade, da mesma forma como fez com a bandeira brasileira e as comemorações do Bicentenário da Independência, no 7 de Setembro, que descreveu no discurso como “a maior demonstração cívica da História do país”. Descendente de italianos, Bolsonaro é um “oriundi” traduzido, no conceito antropológico do termo, como acontece com a maioria dos brasileiros descendentes de europeus, que não renegam a cultura de seus povos de origem nem assumiram uma condição “chauvinista”, colocando-a acima da nossa cultura popular.

A dificuldade de Bolsonaro está em não compreender plenamente o conceito de “brasilidade”, a qualidade de quem é brasileiro, que está profundamente associado à nossa diversidade étnica e cultural. O “ser brasileiro” não é uma invenção das antigas elites escravocratas nem das escolas militares, mas uma construção multidimensional, por meio da arte, da dança, dos ritos, da música, da culinária, dos símbolos e, principalmente, da nossa literatura, que fez a crítica dos nossos hábitos e costumes, papel hoje exercido pela nossa teledramaturgia. Num país continental, não poderia ser diferente.

Quando um brasileiro acredita que somos “o melhor país do mundo”, não está se referindo a um governo ou à conjuntura, mas aos vínculos culturais mais profundos, tecidos ao longo de gerações.

Iniciado após a Independência, em 1822, o processo de constituição da identidade nacional somente consolidou-se a partir da década de 1930, após Getúlio Vargas chegar ao poder. Está ligado à constituição de um Estado nacional moderno e à língua portuguesa, falada em todo o território nacional. Daí a importância da nossa literatura, hoje tão desprezada. As obras de José de Alencar, autor de *O Guarani*, por exemplo, foram fundamentais para associar nossa identidade às belezas naturais do território e à presença indígena na formação da nação brasileira.

Na contramão

Os *Sermões*, de Padre Vieira; *Inocência*, de Visconde de Taunay; *O Cortiço*, de Aluísio de Azevedo; *Dom Casmurro*, de Machado de Assis; *Macunaíma*, de Mário de Andrade; *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa; *Triste fim de Policarpo Quaresma*, de Lima Barreto; *Reinações de Narizinho*, de Monteiro Lobato; *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos; *Jubiabá* e *Gabriela, cravo e canela*, de Jorge Amado; *Navalha na Carne*, de Plínio Marcos, por exemplo, construíram um mosaico cultural cujo influência na música, na dramaturgia e nas artes plásticas perdura hoje. Artistas como Tarsila do Amaral, Chiquinha Gonzaga e Ivone Lara, Cartola e Paulinho da Viola, Chico Buarque e Tom Jobim, Caetano e Gil, Caetano e Renato Russo, cada qual à sua época, foram intérpretes desse sentimento profundo de brasilidade.

O “melhor país do mundo” está no imaginário popular, não estava no discurso que Bolsonaro fez ontem na ONU, onde afirmou que 80% da Floresta Amazônica permanecem intocados: “Dois terços de todo o território brasileiro permanecem com vegetação nativa, que se encontra exatamente como estava quando o Brasil foi descoberto, em 1500”. No mesmo dia, o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe) revelou que o número de queimadas registradas na Amazônia, até ontem, já superou o total registrado em todo o ano de 2021. Em nove meses incompletos (261 dias), foram 76.587 focos de incêndio na região. No ano passado inteiro, foram 75.090.

Bolsonaro é o principal responsável pelo aumento do desmatamento da Amazônia, ao dismantlar órgãos como o Ibama e o Instituto Chico Mendes, além de estimular garimpeiros, pecuaristas e madeireiros a avançar floresta a dentro. A Amazônia Legal, com 59% do território brasileiro, ocupa nove estados: Acre, Amapá, Amazonas, Mato Grosso, Pará, Rondônia, Roraima, Tocantins e uma parte do Maranhão. Na semana passada, por causa das queimadas, a fuligem e o cheiro das queimadas foram sentidos de São Paulo ao Rio Grande do Sul. A política ambiental de Bolsonaro está na contramão da política ambiental preconizada pela ONU e, hoje, é um dos principais fatores do nosso isolamento internacional.

Guedes critica teto de gastos

Paulo Guedes/PR



Declaração do ministro ocorre após Lula receber apoio de Meirelles

Depois de o “pai” do teto de gastos, o ex-ministro Henrique Meirelles, anunciar apoio à candidatura à Presidência de Luiz Inácio Lula da Silva (PT), o ministro da Economia, Paulo Guedes, fez críticas, ontem, à âncora fiscal e justificou os sucessivos rompimentos do teto ao longo do governo Jair Bolsonaro (PL) com uma suposta construção malfesta da norma.

“O teto tinha sido mal construído, porque o teto é para impedir que o governo cresça. Nós não estávamos crescendo”, justificou o ministro, ao lembrar das alterações na lei para repassar, em 2019, os recursos do excedente da cessão onerosa.

Em seguida, Guedes citou as alterações no teto para criar o auxílio emergencial em 2020, no início da pandemia da covid-19. “Alguém acha que conseguimos sobreviver sem ter feito o auxílio emergencial?”, questionou, durante convenção da Associação Brasileira de Supermercados (Abras), em Campinas (SP). “Estávamos permitindo que a população brasileira sobrevivesse.”

Candidato à reeleição, Bolsonaro já anunciou que pretende discutir mudanças no teto

de gastos se vencer nas urnas. Lula já prometeu abolir a norma, embora o mercado financeiro tenha nutrido esperanças de uma política fiscal responsável em eventual governo petista com o apoio anunciado ao PT, na segunda-feira, por Meirelles.

No início, Guedes elogiou o setor de supermercados por ter sido “fundamental” para manter o abastecimento durante a pandemia e comemorou a situação da economia brasileira. “É muito importante vocês não se perderem nas narrativas políticas”, declarou.

“Tolerância”

A 11 dias das eleições, o ministro pediu que os brasileiros não “mergulhem no passado e não busquem volta a políticas econômicas”, em uma alusão a Lula. “Tem candidato dizendo que criou 10 milhões de empregos em oito anos, nós criamos 16 milhões em dois”, comparou, sem citar o petista nominalmente.

Ao longo de sua exposição, Guedes pediu “tolerância” à esquerda. “É preciso ter tolerância com os religiosos, com os patriotas. Não reclamem de falta de tolerância se vocês da esquerda não conseguirem ser tolerantes”, afirmou Guedes, no evento.

Segundo o ministro, ele não pôde estar presente presencialmente porque se concentra em “ajustes” em dotações orçamentárias do Executivo.

O titular da equipe econômica afirmou que a América está “desmanchando” sob governos de esquerda, como supostamente aconteceu com o Brasil na era PT. “A democracia brasileira era igual a saci-pererê, só pulava na perna esquerda”, afirmou. Em seguida, criticou o Plano Real: “Foi muito capaz na política monetária, mas o endividamento virou bola de neve”.